



A VERDADEIRA CONVERSÃO NOS PERMITE CHEGAR À DIVINA CONTEMPLAÇÃO

Pe. Aurélio Aparecido Miranda – Congregação da Paixão (Prov. Exaltação da Santa Cruz)

Carta de São Paulo da Cruz à Irmã Maria Querubina Bresciani.

Apresentação, 9 de agosto de 1740.

“J.M.J.

Que o fogo divino que o nosso amabilíssimo Jesus veio trazer a terra abra-se sempre os nossos corações. Minha filha em Jesus Crucificado.

*[...] Com respeito à tentação de que me fala não se aflija, embora seja um dos grandes sofrimentos que podem atormentar uma alma que deseja ser toda de Deus. Essa tentação é a rainha das tentações. Mas, para quem é fiel em combatê-la, é fonte de imensos tesouros. **Lembre-se que não é digno da contemplação divina quem não sofreu e venceu alguma grande tentação.** Ânimo, portanto, que a vitória é nossa, mas em Jesus Cristo, que combate por nós. A alma não consente minha filha, embora lhe pareça estar toda imersa etc. É tudo obra do demônio. Nem mesmo o seu corpo está disposto para essas coisas. Deus permite isso para nosso maior bem. Os sinais de que senhora não consente são evidentes: a paz do coração, embora com certos receios; o desejo incessante de amar a Deus, de servi-lo na penitência etc. Tudo isso e mais o resto são sinais de que a senhora está nos braços de Jesus, que combate na senhora e pela senhora”.*

O texto acima é um trecho de uma longa carta de São Paulo da Cruz à uma religiosa, sua dirigida¹. O contato epistolar entre os dois é bastante profundo, tendo em vista que tratam de assuntos do mais alto grau de espiritualidade e vida interior.

Vale ressaltar que o padre Paulo, que se encontra num período de convalescença, antes de cunhar a frase que gera esta reflexão, dá alguns conselhos à Ir. Maria Bresciani. Aqui segue resumidamente esses conselhos: evitar o pecado; abrir os ouvidos e dilatar o coração; aprender a adorar em espírito e verdade; humilhar-se, aniquilar-se, abismar-se no próprio nada; desposar-se de tudo aquilo que

não é de Deus; abismar-se em Deus e permanecer no seu íntimo.

Desta forma, o santo quer demonstrar que existe um longo caminho a ser percorrido antes de entrar e permanecer no próprio interior. Assim entendemos que o deserto interior é algo muito mais profundo do que a simples ausência de barulho exterior, ou da companhia de pessoas no intuito de silenciar-se; na verdade é a atitude de permanecer no seu íntimo tendo Deus como grata companhia, para assim moldar o espírito e fazer com que esta forma seja também visível no mundo exterior. É um profícuo entreter-se internamente com o Sumo Bem para ser imagem d’Aquele que nos criou.

Esta afirmação contraria toda teoria que quer colocar o ser como o principal protagonista de seu amadurecimento e sua conversão. São Paulo da Cruz nos demonstra que é uma estrada de

¹ N.d.E.: a carta, na íntegra, encontra-se anexa a este boletim, a pedido do autor deste texto, que também a traduziu.

dois sentidos, isto é, o ser humano que busca amadurecer e Deus que ajuda neste amadurecimento através da relação com Ele.

Sendo assim, podemos aferir que o caminho para dentro de si não é um ato terapêutico-psicológico, no qual a pessoa procura técnicas de relaxamento e concentração para assim encontrar seu EU interior e, daí, intraprender um monólogo a respeito da própria vida, pensamentos e atitudes; tomando após essa imersão, decisões que busquem novas atitudes. Na verdade, este caminho para dentro de si é a atitude do orante que quer encontrar a sua mais profunda essência e aí entrar no Coração Divino. É entrar no próprio coração e de lá falar com o coração de Cristo. É a beata atitude de calar para si, calar-se para o mundo e estar atento à palavra de Deus.

O que Paulo apresenta em poucas palavras na verdade, é o mesmo caminho interior relatado pela Santa da qual ele tinha grande apreço, isto é, Santa Teresa D'Ávila. A santa espanhola compreende que nossa existência é a morada de Deus, mas para encontrá-lo no mais íntimo do nosso ser, é preciso passar pelas moradas externas até chegar a última, onde se encontra Deus.

Sendo assim, para iniciar a viagem em direção ao deserto interior, cada indivíduo precisa começar a lutar contra as tentações, internas ou externas, ou seja, aquilo que exteriormente desvia a nossa atenção para aquilo que é realmente essencial e necessário e as tentações interiores, que é a concupiscência no seu sentido amplo, o desejo descontrolado das coisas materiais, espirituais e carnis.

Infelizmente no nosso meio, quando se fala de concupiscência, nosso pensamento se direciona quase que automaticamente à concupiscência da carne, enquanto que o termo nos diz do desejo desenfreado em várias direções. Mas para vencer a concupiscência é necessário, antes de tudo, reconhecê-la e depois não consentir com a mesma, seguindo passos

concretos para evitar as tentações, fugir dos pecados e alcançar a virtude.

Em sua espiritualidade, Paulo nos orienta a caminhar como vencedores auxiliados por Cristo, que luta do nosso lado. Quais são então os passos que Paulo da Cruz nos indica para vencer as tentações?

Antes de tudo, devemos compreender que, assim como afirma São Paulo da Cruz, Jesus combate conosco e a nosso favor. Por isso, não estamos sós, mas caminhamos com Aquele que nos convida a empreender a viagem; portanto, não precisamos temer, mas com coragem caminhar.

O primeiro conselho que o Santo dá à sua dirigida é **evitar o pecado**, tendo em vista que esse é o oposto de Deus. Desta forma, somos chamados a analisar a própria vida e nos perguntarmos: Quais são os pecados que hoje tenho cometido com mais frequência? Quais as razões pelas quais um determinado pecado é mais frequente na minha vida? Quais são os acontecimentos que precedem a minha queda? Vale salientar que o critério do que é pecado não é pessoal, mas nos é apresentado pelo Evangelho e pelo Magistério da Igreja. Isto porque, muitas vezes, ousamos usar alguns argumentos das ciências humanas para desculpabilizar pecados e atitudes contrárias aos ensinamentos de Cristo e da Igreja.

Abrir os ouvidos e dilatar o coração é outra norma para adentrar o deserto interior e chegar à divina contemplação. Mas o que ele quer dizer com abrir os ouvidos e dilatar o coração? Segundo Paulo da Cruz, mestre de vida interior, abrir os ouvidos e dilatar o coração é criar em si a capacidade de ouvir Deus, que fala a cada um de nós. Para isso é necessário aumentar a nossa sensibilidade. Infelizmente a racionalidade tomou posse do ser humano para vários aspectos da vida social, inclusive aquela religiosa. Na verdade, na relação com Deus, o que deveria agir mais é a afetividade e a sensibilidade, tendo em vista que o relacionamento, para ser verdadeiro precisa, de

afeto e sensibilidade. De estar com o outro. A religião racional é capaz de criar normas e leis, mas não é capaz de conquistar os corações.

A norma funciona enquanto está presente o legislador, as atitudes arraigadas no afeto e no relacionamento perduram até depois da morte. É assim que acontece com os discípulos de Jesus. Após sua morte, ressurreição e infusão do Espírito, eles se tornam grandes pregadores e capazes de morrer por Cristo. Não foi a norma ou lei, mas o relacionamento com Cristo que os levaram a dar passos que contrariavam os instintos e a lei natural da autoproteção.

Justamente por isso, Paulo coloca a atitude de abrir os ouvidos e dilatar o coração como pressupostos para entrar no deserto interior. Assim surgem algumas perguntas: Como tenho cultivado a minha capacidade de ouvir a Deus, a mim mesmo e ao próximo? Como tenho cultivado minha capacidade de relacionar com Deus, comigo mesmo e com o próximo? Como tenho cultivado minha capacidade de amar? Meu “amor” é seletivo e preconceituoso? Escolho as pessoas que quero “amar” ou na generosidade e gratuidade, procuro amar as pessoas que Deus coloca na minha vida?

Aprender a **adorar em espírito e verdade** é outro instrumento para adentrar no deserto interior e se preparar para a divina contemplação. Mas o que de fato é adorar em Espírito e Verdade? Esse instrumento que São Paulo da Cruz indica é aquele mesmo anunciado por Jesus à Samaritana. Decerto Jesus nunca tinha visto a Samaritana, mas a conhecia completamente e por isso a amava e desejava que ela fosse uma adoradora de verdade. Por isso se aproximou dela para instaurar uma relação, para tornar-se conhecido.

Sendo assim, adorar em Espírito e em Verdade é ter uma relação profunda de Pai para filho com Deus, fazendo assim com que esta relação se torne tão intensa, ao ponto de transformar o coração do orante, e que mesmo sendo distinto do seu criador, começa a pensar na medida do Pai, isto é, na medida do Amor.

É isso o que acontece com a Samaritana. Uma mulher considerada pelo povo judeu como de baixa categoria e que se torna mensageira do Messias, tanto que ela convence vários cidadãos a aderirem a Cristo, mesmo sem conhecê-lo. Vale a pena nos perguntarmos então: será que a nossa oração, seja ela litúrgica ou não, ultrapassa os trâmites rituais para ser um relacionamento de amor e transformação? Se a oração não transforma o orante, ela é apenas um ato ritual seco, vazio e estéril.

Outras atividades que o Santo indica para vencer as tentações e entrar no deserto interior são: *“humilhar-se, aniquilar-se, abismar-se no próprio nada; despojar-se de tudo aquilo que não é Deus; abismar-se em Deus”*. Muito provavelmente alguns dos leitores tentarão usar as ciências humanas para descartar esses conselhos, tendo em vista que os mesmos parecem ferir a tão falada autoestima. É necessário dizer que aqui o Santo está falando sim, de um modo de proceder exterior, mas muito mais, está convidando sua filha espiritual a fazer o exercício de se compreender como criatura e não como Deus, reconhecer o seu Nada diante do Tudo que é Deus. **Esvaziar-se** de tudo aquilo que não pertence à relação maior, isto é, a relação com Deus. Desta deve derivar todas as outras. Imagine se todos nós nos relacionássemos primeiro com Deus e depois, a partir de Deus, nos relacionássemos entre nós. Teríamos comunidades religiosas cheias de vocações, teríamos famílias felizes, teríamos uma sociedade justa e fraterna.

Desta forma, humilhar-se, aniquilar-se e abismar-se no próprio nada, não é de forma alguma rebaixar-se ou ter uma autoestima desequilibrada, na verdade é reconhecer também a importância dos outros; é dizer não ao egocentrismo; é negar a tendência humana de se colocar sempre em primeiro lugar e acima dos outros.

Por fim, Paulo da Cruz exorta a Irmã Bresciani a permanecer em **oração contínua**; não uma oração ritual e com tempo definido,

mas uma oração eficaz e capaz de trazer a alegria ao coração que canta louvores a Deus e é capaz de preparar a pessoa para entrar no coração de Deus e assim chegar à Divina Contemplação.

Peçamos a Deus a capacidade de cantarmos louvores a Ele em todos os momentos da nossa existência. Nos fracassos, um hino de louvor a

Ele que é a nossa força; nas vitórias, um hino de louvor a Ele que luta conosco e a nosso favor; nas alegrias, um hino de contentamento a Ele que é a nossa eterna felicidade; nas tristezas, um hino de louvor a Ele que é nosso consolo. Cantemos ao Senhor, não somente com nossos lábios, mas principalmente com o nosso coração e nossa alma!

REFLEXÃO

Paulo não expõe ações concretas para essas atitudes exteriores e interiores, portanto, deixa uma margem de interpretação para cada um de nós. Assim sugiro algumas perguntas que podem nos ajudar neste caminho. As perguntas serão sempre em referência à vida em família ou em comunidade:

- ❖ Busco ser sempre a figura mais importante? Quero sempre ter a última palavra?
- ❖ Pretendo ser sempre servido? Assumo o serviço gratuito aos outros?
- ❖ Reconheço minhas fragilidades e peço perdão?
- ❖ Utilizo subterfúgios ou discursos falsamente fraternos para obrigar as pessoas a pensarem como eu, ou fazerem a minha vontade?
- ❖ Estou cheio de mim e das minhas ideias, mais do que do pensamento de Deus?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – JULHO DE 2020

- 01** Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. *Festa, celebrada ao modo de solenidade se por razão externa.*
- 04** Bem-Aventurada Maria, Virgem Dolorosa. *Missa e ofício votivo.*
- 06** Santa Maria Goretti (1890-1902), virgem e mártir. *Memória.*
- 07** Recordação do Servo de Deus Pe. Bernard Kryszkiewicz CP (1915-1945), presbítero passionista.
- 09** Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe da Santa Esperança. *Memória.*
- 10** Cristo é condenado à morte. *Missa e ofício votivo da Paixão (III).*
- 18** São Paulo da Cruz. *Missa e ofício votivo.*
- 22** Santa Maria Madalena. *Festa.*
- 23** Recordação da Venerável Ir. Addolorata Luciani CP (1920-1954), monja passionista.
- 24** Beatos Nicéforo Diez Tejerina CP (1893-1936), Juan Pedro Bengoa Aranguren CP (1890-1936) e 24 companheiros, mártires passionistas de Daimiel (Espanha). *Memória.*

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).

ANEXO

À Irmã Maria Querubina Bresciani

Apresentação, 9 de agosto de 1740

J.M.J.

Que o fogo divino que o nosso amabilíssimo Jesus veio trazer a terra abra-se sempre os nossos corações!

Minha filha em Jesus Crucificado.

Recebi domingo passado uma carta sua, que muito me agradou em Jesus Cristo. Pois vejo que se vão cumprindo os desejos que Deus me deu e me dá a respeito de sua alma. Mas ainda não estou satisfeito (...). Recebi, outrossim, a outra carta do senhor ajudante. Mas, parte por causa dos remédios que estou tomando, parte pela minha preguiça, não respondi. Deus, porém, há de tirar o bem desta demora, pois espero que nesta que agora lhe escrevo Deus fará minha filha saborear um maná escondido. Assim esteja o divino Espírito Santo em minha mente com suas luzes e me assista o coração e a caneta para acertar. Amém.

Começo, pois, no nome santíssimo de Deus. Quem quiser encontrar o verdadeiro TUDO, que é Deus, precisa lançar-se no nada. Deus é, por essência, Aquele que é: "*Ego sum qui sum*". Nós somos o que não é. Pois, por mais que escavamos, não encontraremos no fundo senão nada, nada. E quem pecou é pior que o próprio nada, porque o pecado é um horrível nada, pior que o nada. Do nada criou Deus tudo, o visível e o invisível. Mas do pecado nada pode sua onipotência tirar, porque o pecado é um horrível nada que se opõe a esse infinito Ser de perfeição infinita.

Verdade é que esse grande Bem infinito sabe tirar o bem do próprio mal, embora com a justificação do pecador. Mas isso custa mais à sua onipotência do que a criação de mil mundos mais variados e belos que este, pois se trata de tirar o pecador (mediante a justificação) de um abismo mais tétrico e mais profundo que o próprio nada, que é o pecado. Leia com atenção este ponto, minha filha, para aprender a permanecer no seu nada e a aniquilar-se diante de Deus e das criaturas, colocando-se sob os pés de todos; humilde e desprezada por amor de Deus.

Agora vou dizer muito em poucas palavras. Vou compendiar tudo o que disse acima, visto como as normas para o passado eu lhe as dei de viva voz e por escrito. Agora convém mudar a cena. Preste, pois, atenção. Abra bem os ouvidos. Dilate o coração para que, como a concha, receba este orvalho do céu para formar a pérola preciosa a ser colocada no tesouro do Esposo divino, embora colocá-la nesse tesouro não será mais que justíssima restituição de algo que não é da senhora, que é nada, que nada tem para dar etc.

Já é tempo de começar a desmamar-se e a aprender a adorar com maior perfeição o grande Deus de majestade, em espírito e verdade. Para fazê-lo, é preciso humilhar-se, aniquilar-se, abismar-se no próprio nada, despojando-se totalmente de todas as imagens das criaturas. Depois, em pura fé, abismar-se toda em Deus, aí repousando em seu divino seio. Mas sem nenhuma imaginação, pois Deus não cai sob imagens, visto ser puríssimo e simplicíssimo espírito, abismo sem fundo de perfeições infinitas. Oh! Quão feliz é a alma que, morta para tudo o que é criado, livre de toda imagem de criaturas, jaz completamente imersa nesse imenso mar de amor e aí repousa em sagrado silêncio de amor, linguagem tão agradável a S.D.M.!

Oh! fé escura, / guia segura, / doce Jesus!
Oh! que firmeza / tua certeza / em mim produz!

Filha minha, permaneça no seu íntimo. Feche as portas dos seus sentidos para todas as criaturas e aí se entretenha a sós com o Sumo Bem. O justo vive da fé, porque sua vida é Deus. E este bom Deus ele o encontra na escuridão da santa fé, que, para a alma que ama, é mais clara que o dia.

A senhora diz que pouca oração pode ter. Pois eu quero que tenha 24 horas de oração por dia. Que quero dizer com isto? Que a senhora deve permanecer sempre dentro de si mesma, toda aniquilada em Deus, embora dando liberdade a alma de erguer aqueles voos de espírito a que a elevará a brisa amorosa do Espírito Santo, ora comprazendo-se em que Deus seja esse infinito Bem que é, ora admirando, isto é, permanecendo suspensa em altíssima admiração de amor ao contemplar suas infinitas perfeições. Se daí brotar o canto, em espírito, de algum verso de amor, deixar que a alma cante livremente, como, por exemplo: *Santo, santo, santo* ou *Aleluia!* Ou: *Só vós sois o Santo, Só vós o Senhor, só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, na glória de Deus Pai. Amém.* Estes cânticos de amor devem ser cantados em espírito, mas quando Deus o quer. O que bem se percebe pela liberdade espiritual, acompanhada pelos impulsos que Deus dá na hora. Se, ao contrário, a alma se sente bem ficando em silêncio de amor nos braços de Deus, deixe-a ficar assim etc. Numa palavra, é preciso deixar-se guiar por Deus, como Ele quer etc. O diabo está com raiva por eu lhe estar escrevendo esta carta e a miúdo me faz errar e cancelar, mas o malvado não há de levar a melhor.

Quero agora ensinar-lhe um segredo para mais enamorá-la do dulcíssimo Esposo e, conseqüentemente, conseguir permanecer em contínua oração. Depois de se ter aniquilado profundamente, de se ter desprezado e abismado no seu nada; peça licença a Jesus para entrar no seu Coração Divino. Consegui-lo-á imediatamente. Voe então em espírito a esse adorável Coração e aí se coloque como vítima sobre esse divino altar, no qual arde sempre o fogo do santo amor. Deixe que essas chamas sagradas lhe penetrem até a medula dos ossos. Não só. Deixe-se incinerar. E, se a brisa suave do Espírito Santo levantar essa cinza à contemplação dos mistérios divinos, dê liberdade à alma para se engolfar toda nessa sagrada contemplação. Oh! Como agrada a Deus esta prática! Convém, porém, notar que esse voo de espírito deve ser feito no Coração de Jesus Sacramentado e aí agonizar de dor em vista das irreverências que Ele recebe dos maus cristãos e pior ainda, dos eclesiásticos, religiosos e religiosas, que correspondem com ingratidões e sacrilégios a tamanho amor. Para reparar tantos ultrajes, deve a alma que ama oferecer-se como vítima, toda incinerada no fogo do santo amor e amá-lo, louvá-lo e visitá-lo a miúdo por aqueles que o ofendem. Visitá-lo, sobretudo em certas horas, nas quais ninguém lhe faz companhia etc. Quanto eu teria para lhe dizer neste assunto etc., mas o tempo não me o permite. Nesse Coração adorável quero que minha filha more sempre, mas em pura fé, sem imagens.

Aí quero que ame, adore, louve, bendiga o nosso bom Deus. Aí convém entreter-se em colóquios de amor, ora falando-lhe de sua Paixão, ora das dores de nossa querida Mãe etc., ora oferecendo esse grande Coração ao Eterno Pai etc. O amor lhe ensinará tudo. Mas quando a alma prefere permanecer em silêncio de amor, deixe-a ficar. Entretanto beba nessa divina fonte as águas sacratíssimas da graça que brotam desse Coração.

Mas note bem que quem aí bebe, deve beber em abundância. Quero dizer: é preciso beber rios, mares de fogo de amor e deixar que tudo se incinere. Antes de ler estas coisas, invoque o Espírito Santo, recitando o hino *Veni, Creator Spiritus*.

Com respeito à tentação de que me fala não se aflija, embora seja um dos grandes sofrimentos que podem atormentar uma alma que deseja ser toda de Deus. Essa tentação é a rainha das tentações. Mas, para quem é fiel em combatê-la, é fonte de imensos tesouros. **Lembre-se que não é digno da contemplação divina quem não sofreu e venceu alguma grande tentação.** Ânimo, portanto, que a vitória é nossa, mas em Jesus Cristo, que combate por nós. A alma não consente minha filha, embora lhe pareça estar toda imersa etc. É tudo obra do demônio. Nem mesmo o seu corpo está disposto para essas coisas. Deus permite isso para nosso maior bem. Os sinais de que senhora não consente são evidentes: a paz do coração, embora com certos receios; o desejo incessante de amar a Deus, de servi-lo na penitência etc. Tudo isso e mais o resto são sinais de que a senhora está nos braços de Jesus, que combate na senhora e pela senhora.

Por isso, quando se confessa, acuse-se de alguma coisa certa do passado, mas não toque nos assuntos da confissão geral que fez comigo etc. Acuse-se apenas das impaciências, das mentiras do passado etc. Depois acrescente: "Acuso-me em geral de todos os pecados que cometi". Excite-se ao verdadeiro arrependimento e propósito etc., pois assim receberá validamente a absolvição. Sinto que esse bom padre não entenda a obra que Deus está realizando etc. Talvez a entenda nos outros, mas Deus permite que não a entenda na senhora. Em minha consciência, fique certa de que não há pecado naquelas lutas etc. Fique tranquila em Deus, pois logo brilhará um sol tão quente, que derreterá essa montanha de neve.

Quanto às penitências, continue assim. Nada mais acrescente. Dentro de alguns meses – assim o espero – poderá falar-me de viva voz, permitindo-o Deus. Pois procurarei passar por aí, visto como tenho que fazê-lo por um assunto, que creio será de grande glória para Deus. Com relação àquela senhora de que me escreve, diga-lhe que continue abandonando-se à vontade divina. A senhora mesma lhe dê as instruções necessárias referentes à oração, à virtude, etc. Recomendá-la-ei a Deus. Mas talvez lhe cause mais mal que bem, porque sempre mais me afasto do verdadeiro serviço de Deus. O mesmo farei por aquela outra sua companheira etc. (...). Eu tenho extrema necessidade de orações, porque me acho em tremendas tempestades por dentro e por fora, como de costume. Ai! Tenho muito medo que Deus esteja indignado comigo, e muito, muito. Procuremos aplacá-lo. A minha filha faça também o que está ao seu alcance e peça a outros que o façam também etc. Quando eu aí vier, se Deus permitir que venha, trarei a minha cruz etc.

Peçamos a S.D.M. conceda a perseverança a estes servos de Deus aqui acolhidos, que levem uma vida verdadeiramente santa e serão os que instaurarão o processo contra mim no meu julgamento. Ai! Quanto eu temo, quanto eu temo. Pois não tenho consciência de ter praticado um ato sequer de virtude com perfeição. Peça a S.D.M. me conceda verdadeira contrição, para que eu morra como verdadeiro penitente. Amém.

Jesus abençoe e abraze de amor. Cumprimente-me em Cristo a Madre Abadessa e a Ir. Guilhermina etc.

Seu indigníssimo e humilíssimo servo
Paulo da Cruz



VIDAS E PALAVRAS PASSIONISTAS QUE ENSINAM A ORAR COM PACIÊNCIA

Maria Loretta Penasa – Comunidades Leigas Passionistas (CLP Beato Domingos da Mãe de Deus – Prov. Exaltação da S. Cruz)

Carta de São Paulo da Cruz a Tommaso Fossi.

Vetralla (Viterbo), Retiro de S. Ângelo, 5 de julho de 1749.

Amantíssimo Sr. Tommaso Caríssimo filho em Cristo,

(...) Alegro-me que tenha me entendido quanto à oração, mas reflita que eu escrevi este caminho para o seu espírito, não para os outros, dos quais não se conhece a conduta.

Se sua senhora o entende e alimenta também o espírito, pode transmitir também a ela. Quanto à parte que fala de oração, não introduza nenhuma daquelas meditações mais profundas, mas a deixe se conduzir por Deus. Sugira somente a meditação da Paixão Sma. de Jesus e a imitação de suas santas virtudes. Embora esta já seja o mais profundo recolhimento e grande dom da oração, ou melhor, esta é a porta que conduz a alma a íntima união com Deus, ao recolhimento interior e a mais sublime contemplação. Verdade é que não se deve deixar a memória da Paixão Sma. de Jesus Cristo e a imitação das suas santas virtudes.

(...) Amadíssimo senhor Tommaso, confortare in Domino et in potentia virtutis eius¹. Seja humilde, não roube nada de Deus, isto é, esteja no seu nada, e creia que Deus o fará santo, pois vejo um grande trabalho que S.D.M. começa a fazer.

(...) Peço-lhe que envie as minhas saudações em Jesus Cristo à sua senhora consorte, filhos e filhas, e se façam todos santos. Adeus. Orate, orate, orate pro nobis, porque os ventos das perseguições e de outras labutas sopram forte, e se lhe dissesse em quais labutas estou eu (que ninguém o sabe), desfar-se-ias em lágrimas pela minha miséria. Reze muito por mim, pois a necessidade é extrema.

De V.S.

*Indigno Servo Afetuosíssimo,
Paulo da Cruz*

São Paulo da Cruz escreve a carta acima a Tommaso Fossi, pai de família, com quem manteve correspondência durante 40 anos, e que após o falecimento da esposa ingressou na Congregação Passionista. A carta fala do dom da oração. A oração é o poder e o dom maior que o homem recebeu. O dom é sempre disponível, mas o homem precisa apoderar-se dele; talvez este seja um significado das palavras de Jesus: “O Reino dos Céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam” (Mt 11, 12).

São Bernardo de Claraval dizia que na vida existem três coisas belas: a palavra, o exemplo e a oração, mas a mais bonita é a oração. Ela é a rainha de todo diálogo, esplendor e frescor de

cada coração; é o nosso sorriso que se encontra com o sorriso de Deus (muitas vezes depois das lágrimas). Queremos ser felizes com nós mesmos? Sejamos então perseverantes na oração.

“A nossa jornada deve ser sempre vivida na oração”, ensina São João XXIII. A oração sincera que surge do coração cria uma ligação de amor entre nós e Deus, uma ligação que se torna sempre mais forte e mais profunda na medida em que a entrega se torna mais verdadeira e total. Na oração, é possível superar as zonas sombrias da dor, diz o Papa Francisco; na oração, podemos descobrir a força do sofrimento; na oração, dor e amor juntam-se como duas mãos que suplicam.

¹ “Conforta-te no Senhor e na força de seu poder”; cf. Ef. 6, 10.

Existe oração e orações; parafraseando Santa Teresa de Ávila: oração mental e oração vocal, ambas úteis e necessárias. Nesta reflexão, contudo, vamos nos concentrar na oração mental, pessoal e silenciosa. Como devo orar? Se colocarmos, numa pesquisa na internet, as palavras “oração” ou “o poder da oração”, irão aparecer centenas de páginas, dos mais variados entendimentos, desde a oração das igrejas tipo “teologia da prosperidade” até a oração “quântica”, passando por espiritualismos, estilo *new age*. Um leitor desavisado pode até ficar atraído pelas palavras e promessas acalentadoras de desejos pessoais e sonhos utópicos alienantes.

Nós católicos, fiéis às Sagradas Escrituras, Magistério e Tradição, podemos atingir um tesouro inexaurível de exemplos de oração que agradam e levam a Deus, tal como a vida e os escritos dos nossos santos e santas, ao longo desses 2000 anos de história da Igreja. Isto, é claro, a partir da revelação de Jesus, que nos autoriza a falar com Deus “Pai”.

Os monges do deserto, bem como os patriarcas do monaquismo ocidental, dedicaram a vida à oração, seja em quanto meditavam e olhavam para dentro de si mesmos, seja em quanto trabalhavam; combateram as tentações do demônio, com o qual chegaram a lutar até fisicamente – tentações estas que são tanto mais agressivas quanto mais o orante se aproxima e se entrega a Deus. Exemplos assim são encontrados, nos séculos seguintes, em todos os místicos. O denominador comum, ou melhor, a força propulsora inicial, é a percepção do Amor Divino em contraposição à ingratidão e à miséria pessoal. Quanto mais me dou conta do Amor, tanto mais vejo a minha insuficiência e vice-versa.

É bom se perguntar: o que procuro na oração? Intercessão? Consolação? Contentamento interior? Apaziguamento? Satisfação para comigo mesmo? Agradar a Deus? A grande mestra de oração, Santa Teresa de Ávila passou dezoito anos na aridez espiritual² e sabemos que São Paulo da Cruz suportou a mesma durante a vida toda. A santa diz: “*Quem se dá à oração unicamente para agradar a Deus, não cairá jamais no engano*”³. E no *Caminho da perfeição* (21,1), afirma: “*É preciso dar-se à oração com determinação determinada, prontos a tudo*

suportar”. Dois séculos mais tarde, é o nosso Santo Fundador que levanta e mantém acesa a chama da oração mística.

OLHANDO PARA A NOSSA SEARA

A espiritualidade passionista começa em 22.11.1720 com uma oração que dura 40 dias. Os religiosos mergulham nesta experiência primordial, no início do noviciado. A nós, leigos e leigas, é dado raramente saborear um pouco as dores e delícias desta experiência. Por graça de Deus, aconteceu aqui na nossa paróquia⁴, faz oito anos, quando três noviços, voltando cheios de fervor, quiseram realizar a primeira etapa do retiro – justamente sobre a oração – com os leigos passionistas. Que benção! Quisera Deus que todos os noviços pudessem, deste modo, atrair os leigos, na conclusão deste período de formação.

Mas voltamos ao começo, ao Fundador. Se o *start* foi o Retiro de Castellazzo, precisou de oito longos anos para que se constituísse a primeira comunidade e, pouco depois, fosse construído o primeiro convento, no Monte Argentário. Paulo da Cruz perseverou na oração e na tribulação por oito anos antes de ver o primeiro rebento! E nós? Pensamos hoje e queremos realizar amanhã! Como as flores que querem desabrochar logo, para logo murchar.

O Beato Domingos da Mãe de Deus, que um século mais tarde realizou o desejo de Paulo de reunir os irmãos separados da Inglaterra, precisou rezar e esperar quase trinta anos antes de ser enviado para esta missão. Grande, edificante exemplo de vida, fé, coerência e obediência, com o qual devemos nos confrontar. Digno filho de São Paulo da Cruz, Domingos escreve da missão:

*Tivemos inúmeras cruces e dificuldades, tanto que, às vezes, pensava de ter chegado mesmo ao fim e quase no ponto de voltar atrás. Tenho certeza de que muitas pessoas queriam vir aqui; mas se vissem o que eu vi e tivessem que sofrer o que eu sofro, quase todos mudariam de ideia. Oh meu Deus! Meu Deus! Quanto devo sofrer! Preparei-me para isso durante 28 anos e percebo que esta preparação não é suficiente. Somente a vontade divina me sustenta: eu estou aqui porque Deus o quis desde toda a eternidade. Bendito seja o seu santo Nome. Esta é a única minha força.*⁵

² Cf. *O livro da vida*, 4, 9.

³ Cf. *Fundações*, 4,4.

⁴ Paróquia N. Sra. da Boa Viagem – Salvador (BA).

⁵ Domenico Barberi APUD Joachim Rêgo, *Lettera Circolare: Riflessione sullo Spirito Missionario del Beato Domenico*

Tem oração mais encarnada na vida? Aqui está uma questão nevrálgica para o(a) passionista – que, ousado dizer, vale para todos, independente do estado de vida. A questão é a seguinte: Paulo da Cruz e Domingos Barbieri sentiram “no começo”, e mantiveram viva dentro de si, a consciência do chamado de Deus para realizar algo que só a pessoa deles podia realizar: “eu estou aqui porque Deus o quis desde toda a eternidade”. Da mesma forma, eu (cada um) terei a força necessária para perseverar no meio do sofrimento, como os dois exemplos luminosos acima citados, somente se descobrir esta pérola dentro de mim, posta por Deus, através da areia das provações.

Deus dá e pede a cada um algo especial, que nenhum outro pode oferecer. A pérola pode parecer bem pequenina aos nossos olhos, quase sem valor, mas a força e o valor não está nela: está em Quem a colocou e na nossa entrega obediente à Sua Vontade. Ademais, no fundo da alma, no silêncio, dando tempo ao tempo, depois de alguma purificação, alcança-se a certeza de que a própria pérola é para o bem de alguém e para glória de Deus. Isso basta.

Infelizmente, pode acontecer que a pérola não seja encontrada, talvez por tibiez na procura ou por distração ou até por dar ouvido ao inimigo. Deus nos guarde! Todas as pessoas, não somente as da igreja, percebem quando estão diante de alguém que tem esta força, esta luz interior, assim como John Henry Newman o percebeu em Domenico Barbieri.

Esta quarentena parece nos convidar a remexer fundo no terreno da nossa alma; nos oferece questionamentos, tempo e estado de espírito conveniente para tanto. Queira Deus que sintamos a compulsão a sermos santos, não porque o Papa Francisco no-lo pede, mas porque o Senhor e a nossa vontade nos impelem, pois ser santo é uma questão de amor a Deus, mas também de amor a si mesmo. Não existe meta mais sublime, na vida. Para isso precisamos orar sempre, sem cessar e sem perder o contato profundo com nós mesmos e com Deus. Vamos então nos inspirar nas palavras douradoras de São Paulo da Cruz, para adentrar melhor na oração íntima e na meditação.

ALGUMAS DICAS PRECIOSAS

Barberi (in occasione della Canonizzazione di John Henry Newman), 2019, p. 4.

São inúmeras as recomendações e orientações a respeito da oração que São Paulo da Cruz registrou nas cartas escritas para leigos e religiosos. A um sacerdote amigo que pretendia entrar para o Instituto, escreve:

... assim a santa Regra nos obriga a que, após as Missões e Retiros, nos recolhemos à solidão para nos entregarmos à oração e ao jejum. Pois um operário da vinha do Senhor há de ser homem de oração, amigo da solidão e desprendido das coisas terrenas; sendo assim, logrará mais frutos do que mil outros sem essa comunhão com Deus.

Paulo da Cruz coloca a vida da solidão, do silêncio e da oração como fundamento imprescindível para a santificação da comunidade, como vai declarado na mesma carta: “*Nesse alicerce foi construído o Instituto. Se essa base for destruída, há de ruir o edifício todo, e ficaremos à margem da missão que Deus confiou ao Instituto*”.

Ficar à margem da missão significa falir, errar o alvo. Aqui é referido ao Instituto, mas vale, da mesma maneira, para os indivíduos. A garantia para não falir é a oração, a solidão e o desprendimento das coisas terrenas. Suas últimas recomendações foram:

Recomendo-vos a caridade fraterna... Peço-lhes que floresça na Congregação o espírito de oração, solidão e pobreza... Recomendo-vos um afeto filial à Santa Mãe Igreja e total submissão ao Sumo Pontífice... Peço a todos que observem as regras... Que os superiores se preocupem da boa semente... Peço a todos os membros da Congregação, presentes e ausentes, que me perdoem pelas faltas cometidas... A todos os presentes e ausentes dou a minha bênção.

Acredito eu que estas recomendações do Santo Fundador, valem para todo passionista, seja ele religioso ou leigo; aliás, valem para todo cristão. O exemplo vem do próprio Jesus que, fugindo da euforia do povo, se retira sobre o monte e passa a noite a sós, em oração (Mt 14,23).

A meditação tem profunda influência na prática da virtude e para tomar sempre mais íntima a relação do homem com Deus. Ensinaram e enalteciam isto os grandes mestres da vida espiritual, como Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz e São Francisco de Sales. Também na doutrina de São Paulo da Cruz a meditação ocupa

o primeiro lugar. O que há, porém, de peculiar em sua doutrina é que propõe como objeto central da meditação o Homem-Deus humilhado, blasfemado e abandonado. Com insistência convida seus dirigidos a voltarem o olhar para a salvífica Paixão de Jesus Cristo.

Para concluir, coloco aqui um rosário de ensinamentos que ele nos deixou:

“A oração é um meio efficacíssimo para obter tudo de Deus”.

“Se não deixar de recorrer à mina riquíssima da santa oração, todos tornar-se-ão ricos de todo tesouro de virtude”.

“Para receber tudo com resignação e sofrer com fortaleza, precisa se alimentar frequente da santa oração”.

“A oração é a arma invencível para superar todos os inimigos”.

“A oração é meio efficacíssimo para vencer todo assalto do demônio”.

“Sem oração os missionários serão mais aptos para destruir do que para edificar; mais para adoecer o próximo com o fedor das próprias imperfeições do que a perfumá-lo com o bálsamo das próprias virtudes cristãs”.

São Paulo da Cruz e Domingos da Mãe de Deus, rogai por nós!

REFLEXÃO

- ❖ Quais são as motivações que me levam à oração? Busco consolo e apaziguamento, ou um diálogo íntimo com Deus Trindade, para conhecer e viver sua Vontade?
- ❖ Como cultivo minha vocação à vida de oração? Minha oração me auxilia a ser forte nas tribulações e paciente nas adversidades, ou procuro a oração como meio de autossatisfação dos meus anseios?
- ❖ Qual o lugar que a Memória da Paixão de Jesus Cristo ocupa na minha espiritualidade e na minha missionariedade? Minha ação pastoral funda-se numa autêntica vida de oração?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – AGOSTO DE 2020

- 06** Transfiguração do Senhor. *Festa.*
Recordação do Venerável Pe. Francisco da Paixão (Aita Paxti) Gondra Muruaga CP (1910-1974), presbítero.
- 14** *Recordação do Venerável Ir. Giácomo de São Luiz Gianiel CP (1714-1750), religioso.*
- 16** Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria. *Solenidade.*
Dia da Vida Consagrada no Brasil.
- 18** *Missa e ofício votivo a São Paulo da Cruz.*
- 26** Beato Domingos da Mãe de Deus Barberi CP (1792-1849), presbítero. *Memória.*
Recordação da Serva de Deus Madre Gemma Giannini MSG (1884-1971), religiosa, fundadora da Congregação Missionária das Irmãs de Santa Gemma.
- 29** *Recordação do Servo de Deus Pe. Benito Arrieta CP (1907-1975), presbítero passionista.*
- 30** *Recordação do Venerável Pe. Giovanni Battista de S. Miguel Arcanjo Danei CP (1695-1765), presbítero, co-fundador e irmão de S. Paulo da Cruz.*

EXPEDIENTE – **Equipe de Espiritualidade da FPB:** Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Getsêmani). Tradução para o espanhol: Sílvia Mabel Varese (Paróquia Sta. Cruz – Argentina – Prov. Getsêmani).



“A VIGILÂNCIA TRAZ CONSIGO ALTÍSSIMA POBREZA DE ESPÍRITO E ABSTRAÇÃO DE TUDO QUE NÃO É AMOR” S. Paulo da Cruz

Ir. Denise Coutinho Gomes, CP – Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz
Província São Gabriel

Carta de São Paulo da Cruz a Ir. Colomba Geltrude Gandolfi,

Entendo a vigilância à qual a senhora me acena e esta é a maior graça; tal vigilância faz com que não se dê atenção aos dons, nem às satisfações, nem aos sofrimentos, nem a si mesma, mas puramente a alma deseja o amor puríssimo, sincero, despojado e vigilante para que não se misture em tal divina chama nenhuma fumaça das coisas criadas; esta vigilância traz consigo altíssima pobreza de espírito, abstração de tudo aquilo que não é amor [...]. Esteja no seu nada, esteja na solidão interior do Esposo divino, deixe-se crucificar também pelo santo e pacífico temor, porque caíram os cedros do Líbano e as graças, por grandes que sejam, aliás, quanto maiores são, tanto mais se deve temer e jamais confiar em si mesma, mas conservar aquela santa vigilância dita anteriormente.

Grande concededor dos processos humanos no caminho do crescimento espiritual, S. Paulo da Cruz nos adverte sobre a necessidade da vigilância e do cultivo constante da nossa vida espiritual. Ignorar esta necessidade significa abandonar o ideal cristão de configurar-se cada dia mais a Jesus Cristo. Se não é fácil dar passos concretos de conversão e avançar no caminho da santidade, manter o ritmo e não retroceder, abandonando o ideal abraçado, não distrair-se com coisas que podem nos desviar da meta exige atenção, cuidado, vigilância.

Nas cartas dirigidas à monja Franciscana, Ir. Colomba Geltrude Gandolfi¹, alguém que fez passos significativos na intimidade com Deus, o nosso Pai espiritual lhe indica o caminho, orientando-a a permanecer vigilante para proteger e cultivar a sua vida de espiritualidade e de união com Deus.

¹ CHIARI Cristoforo, a cura di, *Paulo della Croce. Scritti spirituali. Lettere a religiosi*, 3, Città Nuova Editrice, Roma 1975, pp. 185-244.

Em uma conferência proferida pelo saudoso Pe. Fabiano Giorgini CP², foram apresentados alguns elementos que S. Paulo da Cruz considerava necessários a alguém que desejasse fazer um percurso espiritual. Nas cartas dirigidas a Ir. Colomba, encontramos as mesmas recomendações:

1. Ser pessoa enamorada de Jesus e, por amor, decidida a partilhar do seu destino de paixão e glória

Em Jesus, o Verbo encarnado, a primeira manifestação mais relevante foi a humildade, pela qual sendo rico se fez pobre (Fil 2,6-11). É necessário adquirir esta atitude de humildade e de despojamento de Jesus encarnando-a na própria vida, assimilando os sentimentos de Jesus através da oração. A vontade de partilhar

² GIORGINI Fabiano, *Condições para ser pessoa de oração na doutrina de S. Paulo da Cruz* = Pesquisas de história e espiritualidade passionista, 19, Província S. Gabriel da Virgem Dolorosa 1993.

da experiência e das atitudes de Jesus é uma suficiente abertura de ânimo para conhecê-lo através da oração.

Fixar o olhar sobre a pessoa divina de Jesus com intensidade e decisão de unir-se ao seu destino, já é oração e disposição para receber o dom da união mística que espera o passionista no seu caminho com Jesus em direção ao Calvário e à Ressurreição. O caminho com Cristo até o Calvário significa também a razão da austeridade da vida passionista e a motivação da vida comunitária, que se torna sempre mais possível e profunda, à medida que a união interior com Jesus cresce fazendo-se dom de paz e reconciliação com os irmãos.

Em uma das cartas dirigidas a Ir. Colomba, S. Paulo da Cruz recomenda:

Examine bem se a sua oração tão elevada mantém controlada as paixões dominantes, isto é, o irascível e concupiscível; examine se nos encontros imprevistos exercita grande paciência, grande mansidão e verdadeiro silêncio dentro e fora de si com quem a aborrece; [...] como está de caridade com todas as irmãs, igualíssima em relação a todas, sujeita a todas, pacífica com todas [...] Se a oração que diz na sua carta produz estes efeitos, está muito bem, se não dá esses frutos, seria ilusão e engano.

2. Entrar na atitude obediente de Jesus e viver de “seu Santo Espírito”

Somente quem estabelece com Jesus uma relação que significa partilha do seu humilhar-se e tornar-se obediente até à morte de cruz, vive a autenticidade do espírito de Jesus e, portanto, tudo faz como quem está na Presença de Deus e para agradar a Deus. Este agir “como quem está na Presença de Deus” é um fazer próprio o querer do Pai, como fez Jesus; significa não mais possuir-se para deixar-se possuir somente pelo Pai, em Jesus. Esta atitude é um modo de fazer sempre oração e de perfumar todas as ações com o suavíssimo bálsamo do santo amor.

A oração, de fato, não é senão um abrir-se ao mistério da vontade de Deus conhecida, amada e praticada, renunciando à própria vontade, isto é, morrendo misticamente com Jesus na cruz e renascendo nele como filho de Deus. É o que S. Paulo da Cruz descreve em outra carta enviada a Ir. Colomba:

Oh, sagrado deserto! Oh, divina solidão! Na qual a alma abstraída de tudo que é temporal, se perde totalmente no eterno infinito Bem e ali, em sagrado silêncio de fé e de amor, adora e ama, sofre, padece e ama com despojamento de toda satisfação e com a única satisfação de fé e de caridade que consiste em alimentar-se sempre da divina vontade em um padecer despojado, secreto, abstrato, porque todo absorvido do santo puríssimo amor.

3. Recolhimento e oração

Recolhimento significa concentrar todas as potências espirituais, inteligência, vontade, fantasia, atenção psicológica e afetos sobre uma pessoa, sobre uma coisa que atrai o interesse e a apreciação. Paulo da Cruz considera natural que o religioso concentre todas as próprias potências espirituais em Deus por quem vive e a quem quer anunciar aos irmãos.

Para desenvolver o recolhimento, ele considerava necessária a solidão externa, o cuidado sobre os próprios sentidos, a vontade de falar, a curiosidade em saber notícias, a seleção das imagens que a fantasia elabora ou recebe. Um recolhimento ocupado em um relacionamento com a pessoa de Jesus, não deveria causar perturbações psíquicas, porque ajuda a pessoa a sentir-se realizada nas suas necessidades psicológicas mais profundas. É necessário viver o recolhimento com amor e distensão psicológicas, mantendo a serenidade e a paz. Nas Palavras de S. Paulo da Cruz:

Continue, portanto, a oração como Deus a concede, abandonando-se sempre mais no seu divino beneplácito, deixe a Ele o cuidado de tudo, seja fidelíssima no estar sempre mais recolhida em Deus, em verdadeira solidão interior, abstraída de tudo, morta a si mesma

e a tudo que não é Deus. Seja sempre pura a sua intenção, deífica em todas as atividades, unidas a vida ativa nos seus afazeres com a contemplação interna, estando sempre abismada e perdida no seu imenso Deus.

4. Vida apostólica e oração

Paulo da Cruz escreve que “a vida dos passionistas não é em nada diversa da dos apóstolos”. Quanto mais o religioso concentra sua atenção pisco-espiritual na pessoa divina de Jesus, tanto mais se preocupa com a salvação dos irmãos. A consciência da responsabilidade apostólica é também um impulso que nos induz a viver uma intensa vida de oração. Por este motivo Paulo da Cruz recomendava que o trabalho apostólico não impedisse prolongados períodos de intensa vida contemplativa ou a verdadeira vida comunitária, de fraternidade sincera, amadurecida na oração. Ele considerava que este ritmo de vida era um verdadeiro serviço ao povo de Deus, mediante uma vida apostólica qualificada pela contemplação do mistério da Paixão de Jesus. Assim ele recomenda:

Faça suas, por pura caridade, todas as necessidades do pobre mundo e com um olhar de fé, de caridade e de amor ao próximo, mostre-as a Deus; e isto se faça sem palavras e, se for humilde o santo amor lhe ensinará tudo. No momento em que se mostra a Deus as necessidades do mundo, ao mesmo tempo se exclama, se reza, se suplica, sem exclamações e orações explícitas, mas o amor puríssimo ensina a suplicar e o Senhor atende infalivelmente.

5. Ensinar a meditar a Paixão de Jesus

O serviço específico que os passionistas prestam ao povo de Deus é promover a memória da Paixão de Jesus, ensinando a meditar. Um ensinamento prático, adaptado ao nível cultural e social das pessoas, de modo que no seu estado de vida, pensem com amor e gratidão, em Jesus que dá a vida por elas e se animem a viver a sua experiência cotidiana com os mesmos sentimentos de Jesus.

Os passionistas devem sentir esta responsabilidade como parte integrante da própria vocação e como consequência da experiência de Deus adquirida na intensa vida contemplativa. Esta exigência da vocação demanda que sejamos pessoas de oração, centralizadas na contemplação de Cristo Crucificado. S. Paulo da Cruz ensina a remeditar assim:

Faça-se ânimo: leve em frente a sua oração como Deus a conduz, seja fiel e se submerja frequentemente no grande mar da Paixão santíssima de Jesus e das dores de Maria santíssima, que se for bem humilde fará boa pesca, repouse em Deus com humildade e simplicidade de menina e se recorde de não fazer orações a seu modo, mas segundo o Espírito Santo.

Quando se fala em vigilância, aflora a preocupação de se cair em um esquema rígido, pouco espontâneo, com o risco de ser menos autêntico. Na verdade, S. Paulo da Cruz na direção espiritual e mesmo na formação, tinha como objetivo conduzir a pessoa a um encontro verdadeiro com Jesus Crucificado, que leva a uma transformação radical da própria vida. Um encontro profundo, que alcança a pessoa totalmente, sem deixar espaços a ambiguidades ou extremismos.

É interessante também notar no trecho sobre a vigilância citado ao início, que ele faz uso da imagem dos cedros do Líbano. Estas são árvores que podem chegar a 20-25m de altura e o seu tronco pode chegar a 12m de circunferência. Sua madeira, aromática, era muito empregada no mundo antigo para a construção de templos e de palácios, já que era a única naquele tempo que podia fornecer as traves para as grandes construções. O cedro é um símbolo bíblico de orgulho (Is 2,13; Ex 31,3; Zc 11,2), de força (2Rs 14,9; Sl 29,5; Am 2,9), de segurança e prosperidade (Nm 24,6; Jr 22,23). Através desta imagem, Paulo da Cruz nos alerta sobre o risco de fazermos da nossa busca de crescimento espiritual um motivo de orgulho, como se algum resultado obtido fosse fruto do nosso esforço e não fruto da graça que opera em nós. Coloca em

evidência que mesmo o que pode nos parecer muito seguro e grandioso pode reduzir-se a nada, se não está devidamente suportado pela graça.

É comum que, ao lermos textos como estes de S. Paulo da Cruz, fiquemos impressionados e atraídos pelo ideal de santidade que apresentam. No entanto é real o risco de considerarmos que estas palavras façam sentido somente dentro do seu contexto histórico, sem conseguir dizer mais nada aos nossos dias, muito voltados ao culto da própria personalidade, à aparência e ao que pode causar grande impacto externo, mesmo no campo do apostolado. Por outro lado, todos nós, nos damos conta quando algumas experiências

aparentemente fortes deixam em nós a impressão de um vazio, de uma inconsistência que nem sempre sabemos identificar a causa. Outras vezes, após um grande esforço feito em torno de um projeto que nos parecia perfeito, colhemos poucos frutos, ou frutos que não duram. Talvez nos falte a vigilância para assegurar um caminho de maturidade espiritual, que não se contente com alguns momentos de fervor, mas que construa em nós bases consistentes, apesar de humildes e na maioria das vezes conhecidas somente a nós mesmos.

REFLEXÃO:

- ❖ Dos elementos apontados como fundamentais para um verdadeiro caminho espiritual, qual tem sido menos assimilado por nós?
- ❖ Como traduzir em linguagem atual as orientações dadas por S. Paulo da Cruz para sermos pessoas de vida espiritual autêntica?
- ❖ Como conciliar o ideal de despojamento, de kenosis de Jesus com as aspirações humanas de sucesso, de realização e de evidência?
- ❖ Como Passionistas estamos ocupando o nosso lugar na orientação das pessoas, promovendo a memória da Paixão de Jesus como resposta às necessidades do nosso povo?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – SETEMBRO DE 2020

14 Exaltação da Santa Cruz e Recordação do Venerável Irmão Lorenzo Marcelli, CP

15 Solenidade de N.Sra. das Dores

17 Recordação da Serva de Deus Madre Marthe Vanderputte(Fundadora das Missionárias da Santa Cruz, unidas às Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz em 1968.

24 Memória de S. Vicente Maria Strambi.

29 festa de São Miguel Arcanjo patrono da Congregação

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).